

Humanos, a espécie invasora suprema

Categories : [Olhar Naturalista](#)

“Vivemos em um mundo zoologicamente empobrecido, de onde todas as formas mais imensas e ferozes e estranhas desapareceram recentemente”.

Alfred Russell Wallace, co-formulador da teoria da evolução pela seleção natural e um dos pais da biogeografia em *A Distribuição Geográfica dos Animais* (1876)

Em 24 de agosto de 1832 o HMS Beagle chegou a Bahia Blanca, 650 km ao sul de Buenos Aires. Charles Darwin, seu mais ilustre passageiro, dedicou sua estadia para explorar a região.

Ali Darwin encontrou ossos de nove espécies de grandes mamíferos extintos, incluindo uma preguiça gigante terrícola que acabou batizada como *Myloodon darwini*, e de seu primo ainda maior, o [megatério Megatherium](#).

Muito depois, em 1895, ossos, esterco e, incrivelmente, pele de Myloodon foram encontradas na hoje famosa [Cueva del Milodon](#), no Chile. A condição aparentemente fresca dos restos levou alguns cientistas a acreditar que [o bicho ainda vivia por ali](#). Resumindo uma longa novela, na verdade os últimos Myloodon chilenos morreram há mais de 9 mil anos.

Os ossos descobertos por Darwin, estudados pelo grande anatomista Richard Owen, tornam-se provas adicionais da existência de animais extintos. Isso numa época onde muitos acreditavam que a Bíblia provava que a Terra fora criada em 4004 AC e que a extinção era algo impossível, pois Deus não permitiria que meros humanos apagassem sua criação.

O Myloodon era um gigante de 2,5 toneladas que viveu [em diferentes habitats](#) no que é hoje o Chile, Argentina, Paraguai, Bolívia e sul do Brasil. Poderia estar pastando no pampa gaúcho até hoje, mas foi extinto uns 8 mil anos atrás.

Há poucos milhares de anos, menos do que a idade de cidades como Jericó (estabelecida em 9.000 AC), mega-animais – Myloodons, mamutes, tigres-dentes-de-sabre, pássaros-trovão - viviam tranquilos sobre a Terra. Até nós nos tornarmos humanos.

Nossa espécie surgiu em algum lugar da África a c. 200 mil anos. Mais um entre vários bichos do gênero *Homo* que viviam naquela época, todos usando ferramentas, e a maioria o fogo, os *sapiens* não eram nada muito diferente até algo acontecer há uns 70 mil anos.

Nesse período ocorreu uma revolução cognitiva. Pela primeira vez surgem evidências de arte, pensamento simbólico, imaginação, linguagem complexa e – seu resultado – novas tecnologias. Algo mudou a natureza humana e nos tornou capazes de cooperar em uma escala muito além de nosso círculo pessoal. Algo associado a crenças – memes - que criam identidades comuns entre pessoas que não são relacionadas e a linguagem necessária para espalhar estas crenças. A mesma fonte das religiões e estados nacionais.

A causa provável deste flip mental foi uma [mutação que deflagrou um processo de coevolução gene-cultura](#) e se espalhou rapidamente em uma população até então pequena. Mas não é possível desprovar que um certo [monólito negro](#) ou outro fator externo tenha tido um papel nisso.

Há 70 mil anos grupos de *Homo sapiens* deixaram a África e partiram para conquistar o mundo. Dez mil anos depois haviam chegado à China e Coréia, mas a então gélida Europa só seria ocupada a partir de 45-50 mil anos atrás.

Na mesma época, antigos marinheiros colonizaram a Austrália, continente onde primata algum havia colocado os pés. Nas Américas, há certeza de que 15 mil anos atrás já haviam populações humanas estabelecidas, talvez também descendentes de navegadores. É provável que tenham chegado muito antes.

Nossa rápida ascensão como espécie dominante não foi acompanhada por nossa psicologia. Quem já encontrou um leão, tubarão branco ou crocodilo sabe a auto-confiança que milhões de anos de domínio deram a eles. Segundo o [historiador Yuval Harari](#), nós continuamos cheios de medos e ansiedades e nos comportamos como ditadores de repúblicas de bananas, rápidos em optar pelo extermínio do que nos amedronta ou incomoda. Seja uma lagartixa no banheiro ou uma [harpia na praça](#).

Talvez isso explique porque nossa expansão foi acompanhada pelo fim dos outros humanos que já ocupavam as novas posses.

Antecipando o que viria depois, das [Guerras dos Bárbaros](#) no nosso nordeste ao [genocídio dos larumá pelos Kuikúru do Xingu](#), a expansão dos sapiens coincide com o fim dos neandertais da Eurásia, erectus e hobbits da Indonésia, denisovas da Sibéria e outros que sabemos terem existido graças a [genes perdidos entre os nossos](#). Se a história recente é exemplo, lembranças tanto de encontros amorosos como de violência.

Aqui existiam dragões

A invasão dos sapiens não obliterou apenas outros humanos. O mundo encontrado pelos

exploradores que deixaram a África era um mundo de criaturas fantásticas (a [BBC fez uma série sobre elas](#)).

Entre Portugal e a Sibéria viviam manadas de mamutes, cervos gigantes, rinocerontes lanudos, unicórnios (*Elasmotherium*), saigas, auroques, onagros, renas e bois-almiscarados, caçados por leões, hienas, leopardos e gatos-cimitarra.

Após alguns milênios de atrito estes animais estavam reduzidos a refúgios ou extintos, os últimos mamutes morrendo em sua [derradeira ilha ao redor de 1.700 AC](#), quando as pirâmides já eram velhas.

Na isolada Austrália havia pelo menos 54 espécies de [grandes mamíferos](#) (mais de 40 kg), além de mihirungs, crocodilos terrestres e [dragões](#). Todos extintos entre a chegada dos primeiros humanos e a do Capitão Cook em mais um processo de atrição que levou milhares de anos.

A extinção de grandes herbívoros - que convertiam biomassa vegetal em carne - e o uso do fogo pelos aborígenes favoreceram espécies pirófilas como os eucaliptos. O continente ganhou [vastas regiões sujeitas a incêndios catastróficos](#), que todo ano assistimos nos noticiários.

Na América do Norte, 34 gêneros de grandes mamíferos foram eliminados, enquanto a América do Sul perdeu 52 gêneros entre a primeira ocupação humana e a chegada de Colombo.

O Brasil de então, com várias espécies de preguiças gigantes variando de maiores que um elefante ao tamanho de um carneiro, gliptodons, mastodontes, macrauwêbias, cavalos, lhamas, toxodons, etc., etc., etc., humilharia qualquer savana africana de hoje.

Alguns bichos, como Mylodons, gliptodontes e tigres-dentes-de-sabre persistiram até 7-8 mil anos atrás, 5 mil anos após [humanos se tornarem evidentes no registro paleontológico](#).

Como na Austrália, há evidências de mudanças profundas nos ecossistemas após sua extinção, incêndios mais frequentes e intensos [deixando seus rastros nos sedimentos](#). A paleontologia e comparações com as savanas africanas de hoje fazem pensar que os regimes de fogo que caracterizam o Cerrado de hoje são mais destrutivos do que seriam se a megafauna estivesse presente.

E que somos um bom exemplo de como espécies invasoras causam profundas alterações nos ecossistemas.

Junto com os grandes mamíferos desapareceram dezenas espécies de aves, como [pássaros-trovão](#), [condores de bolso](#) e pássaros que direta ou indiretamente [dependiam daqueles gigantes](#), tanto fonte de alimento como engenheiros ecossistêmicos. Da mesma forma, dezenas (centenas?) de plantas perderam seus [dispersores de sementes primários](#).

Os ecossistemas que temos hoje são muito diferentes, e mais pobres, do que seriam se os sapiens tivessem ficado em casa. Quem fala que não existe natureza intocada está absolutamente certo. Dizer que humanos criaram e mantêm ecossistemas mais ricos do que existiriam sem eles tem tanta base científica quanto a astrologia.

Ilhas foram o último refúgio

A(s) causa(s) das extinções associadas à expansão humana são tema de velho debate entre quem culpa a mudança climática na transição entre o Pleistoceno e o Holoceno (o período de 11.700 anos atrás até hoje); os que culpam os humanos, seu fogo, seus cães e suas armas; e os que propõem uma combinação de fatores.

Um fato evidente é que ilhas – do Mediterrâneo ao Caribe e Oceania - passaram incólumes pelas mudanças climáticas do Pleistoceno-Holoceno apenas para sofrerem extinções em massa após a chegada dos primeiros humanos.

Pelo menos 13 espécies primas do Mylodon viviam nas ilhas maiores do Caribe. Após darem as boas-vindas ao Holoceno, [todas foram extintas](#), junto com outros mamíferos, corujas gigantes e condores, ao redor de 4.400 anos atrás. Exatamente após a chegada dos ameríndios àquelas ilhas.

As ilhas do Pacífico foram colonizadas apenas nos últimos 3 mil anos. Estima-se que os polinésios – que se expandiram em um processo viral associado a explosões demográficas - [eliminaram pelo menos 2 mil espécies de aves](#). Para entender o desastre, hoje são reconhecidas cerca de 11 mil espécies vivas no mundo, com [140 extintas desde 1500](#).

A civilização capitalista ocidental ainda não chegou ao nível daqueles povos pré-industriais que tanto inspiraram a ideia do bom selvagem amigo da ecologia.

Os últimos 16 mil anos foram um período de mudanças climáticas rápidas, como o evento chamado [Younger Dryas \(12.900-11.700 anos atrás\)](#), que derrubou as temperaturas médias regionais entre 1 e 6°C em poucas décadas.

Mas isso não era novidade. Eventos similares já haviam acontecido muitas e muitas vezes ao longo do Pleistoceno. O padrão, revelado pelo estudo de DNA antigo, era que quando o clima ficava hostil (para muitas espécies isso significava aquecimento), [populações sofriam declínios](#) e as áreas de ocorrência podiam encolher, ficando restritas a refúgios onde o clima e a vegetação eram adequados.

A novidade foi que, começando 50 mil anos atrás, não havia mais refúgios sem populações de sapiens invasores fazendo o que nós fazemos melhor.

Fomos nós

Estudos recentes (veja [aqui](#), ou [aqui](#) e [aqui](#)) demonstram a estreita associação entre a expansão de nossas populações e as extinções observadas (incluindo os neandertais) nos continentes. É inescapável que humanos foram a causa primária e necessária da catástrofe, e o clima causa acessória, com [sinergias prováveis em pelo menos alguns casos](#).

Uma conclusão é que somos a mais destruidora dentre as espécies exóticas e invasoras, embora [não nos listem no catálogo oficial das espécies-praga danosas à biodiversidade](#).

Outra é que se Colombo e Cabral tivessem encontrado uma América sem humanos é muito provável que Darwin (e outros exploradores) tivesse encontrado Mylodons em carne e osso, e não apenas ossos.

É evidente a [continuidade entre povos pré-históricos e as civilizações que os sucederam](#), desde os antigos egípcios até os usuários de iPhone e comedores de muriquis de hoje. E que há muito tempo que [não há ecossistemas intocados](#) devido ao legado de destruição ambiental e extinção deixado por povos que nem imaginavam o que era uma bolsa de ações ou para que servia o petróleo.

É irônico que um dos poucos casos onde se tentou atribuir consequências positivas à antiga ação humana se refira às [terras pretas da Amazônia](#). Depósitos de lixo e latrinas deixados por civilizações pré-europeias que adubaram florestas que cresceram somente porque aquelas populações humanas colapsaram, provavelmente graças a germes que acompanharam os primeiros exploradores europeus e seus pets.

É de se pensar o que o registro arqueológico futuro mostrará de nossa civilização. Uma camada de plástico marcando o pico da Sexta Grande Extinção que começou quando uma espécie invasora deixou sua África natal?

Leia também

<http://www.oeco.org.br/blogs/olhar-naturalista/27262-uma-historia-de-dois-muriquis/>

<https://www.oeco.org.br/colunas/colunistas-convidados/16756-oeco-15843/>

<http://www.oeco.org.br/colunas/fabio-olmos/21088-populacoes-tradicionais-e-a-biodiversidade/>